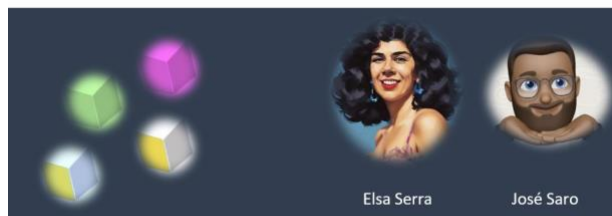




HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



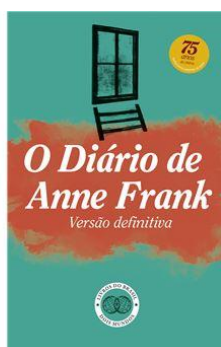
Dimensão científico pedagógica para os grupos
200, 210, 220, 300, 320, 330, 340 e 350

e-learning: 25 horas

«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO
INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE
PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»

TAREFA 2

Seleciona um diário e dá-nos a ler...



Querida Kitty:

Ontem à noite, antes de adormecer, tive uma visão nítida: a minha amiga Lies. Estava diante de mim, coberta de trapos e com o rosto escaveirado. Com os seus grandes olhos contemplou-me, triste e acusadora, como se quisesse dizer: -Anne, porque é que me abandonaste? Ajuda-me! Salva-me deste inferno. Mas eu não posso ajudá-la. Os outros têm de sofrer e de morrer e eu não passo de um espetador; só posso pedir a Deus que não os deixe morrer e que me devolva os meus amigos. Sim, foi precisamente a Lies que eu vi e isto compreende-se. Sempre a julguei mal, eu era ainda muito infantil e não podia compreender as suas preocupações. Ela gostava da sua nova amiga e tinha receio que eu lha roubasse. Ai, como deve ter sofrido! Sei-o agora, pois já conheço melhor tais ressentimentos! Por vezes pensava nela passageiramente, depois mergulhava com

egoísmo nos meus divertimentos e preocupações. Não procedi bem e foi por isso que ela olhou para mim assim, de rosto pálido e de olhos suplicantes, tão tristes. Oh!... se pudesse dar-lhe uma ajuda! Oh! Meu deus, tenho aqui tudo o que necessito e ela foi arrastada para o destino mais duro que há! Tem sido pelo menos pelo menos tão crente como eu, e só desejava o bem. Porque é que fui eleita para viver e ela para morrer? Qual é a diferença entre nós? Porque é que estamos tão longe uma da outra?

Reflexão: Decidi partilhar este excerto, uma vez que o mesmo reflete, de forma comovente, as consequências mais extremas da exclusão, com base na origem, religião, género, condição social ou física. Para além disso, as pequenas atitudes do dia-a-dia, como o egoísmo ou a falta de empatia, podem contribuir para o afastamento "do outro", ou seja, o desinteresse pelas suas preocupações, pela falta de afeto e os "apressados" julgamentos erróneos e egoístas. Esta perceção mostra uma abertura interior para "integrar o outro dentro do seu próprio mundo emocional".

A integração significa aceitar alguém, valorizar a sua presença, ouvir a sua voz e dar-lhe um lugar real na comunidade. E é precisamente isso que depreendemos da leitura realizada, o escrever sobre alguém e repensar sobre o erro do passado, devolvendo-lhe de forma simbólica uma "nova existência" e dignidade através da memória e da escrita.

Considerações no processo de ensino-aprendizagem:

O excerto do diário de Anne é um apelo silencioso à consciência humana. Ensina-nos que o respeito, a inclusão e a aceitação devem começar nas pequenas coisas: não julgar, saber ouvir e valorizar a diferença. Por este motivo, considero pertinente explorar e refletir em contexto escolar a leitura deste excerto, uma vez, que permite abordar, de forma poderosa, temas como a memória, a dignidade, o crescimento pessoal, a importância de ouvir o outro e, por último, a exclusão numa perspetiva violenta e extremista.

Texto: Memórias de Infância

(O breve texto partilhado fala sobre a minha infância, que recordo sempre com uma alegre nostalgia e as "aventuras" vividas com a minha irmã em casa da minha avó, "um lugar simplesmente mágico".

Tita, ainda em casa, ouvia entusiasmada o cantarolar alegre da irmãzita, que por vezes era abafado pelo barulho estridente do cair das pedras no carro de mão.

- Ena! Tantas pedras...algumas sujas de terra – reparou a Tita, pronta para ajudar na grande empreitada que estafava a irmã, impaciente que estava por ver os resultados de tanto trabalho.

- Vamos lavá-las no poço! Ajuda-me Tita, o carrinho está muito pesado!

Com algum esforço, as duas caminharam pelo caminho de terra batida que as levava diretamente ao poço da avó. Pelo caminho, as rodas do carrinho iam desenhando um fiozinho de rasto decalcado pelo peso das pedras que ameaçavam fazer falta no eirado do vizinho.

- Eu não disse que conseguíamos! Liga a torneira – repetia a menina ainda ofegante e inflamada pelo esforço colossal que por momentos não desejara fazer.

Sem mais demoras, Tita pega numa pedra, encardida de poeiras, e coloca-a em cima do grande tampo redondo que cimentava os ecos profundos do poço entorpecido. Havia algum tempo, que a pequena deixara de se empoleirar no cimo do poço, utilizando o seu tampo de cimento para fins artísticos: cantava, dançava e muitas vezes discursava pequenas orações com uma fluidez vocabular exageradamente audível.

A Tita sempre fora uma menina grande para a sua idade. Gostava de imitar a mamã, lembrando ao mundo que, apesar da sua tenra idade, já ocupava um lugar indispensável em casa, mais que não fosse para tomar conta da petiza. Olhava sempre quem quer que fosse de frente, sem desviar os grandes olhos castanhos que mais pareciam pertencer a uma bela cigana do que a uma criança apenas com maduras pretensões. Durante as conversas da mamã e do papá firmava, constantemente, um parecer que surgia desprevenido, acompanhado pela figura pequenina de um nariz arrebitado, acomodado graciosamente no rosto desenhado da pequena. A Tita era uma menina muito bonita e graciosa.

- Vamos, quero acabar de fazer os passeios antes do almoço – pedia a irmãzita, ao mesmo tempo que olhava a sua roupa desalinhada. Arranjá-la teria sido desnecessário, não teria servido para limpar a massa de terra com água que as suas mãos tão bem

espalharam pela roupinha que fora cuidadosamente escolhida pela mamã para vestir naquele dia.

- Olha a tua roupa! – comentava a Tita enquanto se preparava para atravessar o colorido campo de margaridas no meio de risadas.

O dia estava esplêndido.

Carla Antónia Abreu de Oliveira Rubinstein